

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO
EMOCIONAL DA CRIANÇA**

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO
EMOCIONAL DA CRIANÇA**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO EMOCIONAL DA
CRIANÇA**

Banca examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 27 de
Novembro de 2015.

Orientador: Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas

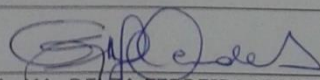


ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, APRESENTADO^(A) POR PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

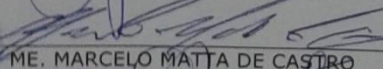
Aos vinte e sete dias do mês de novembro de dois mil e quinze, reuniu-se, no AUDITORIO CENTRAL, a Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, constituída pelos professores: PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES (Orientador^(a)), PROF. ME. MARCELO MATTA DE CASTRO (Titular), PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JUNIOR (Titular), para examinar o^(a) graduando^(a) PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA na prova de defesa de seu trabalho de conclusão de curso intitulado: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO EMOCIONAL DA CRIANÇA. O^(a) presidente da Comissão PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES, iniciou os trabalhos às 19h30, solicitou ao graduando^(a) que apresentasse, resumidamente, os principais pontos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o^(a) graduando^(a) sobre diversos aspectos da pesquisa e do trabalho. Após a arguição, que terminou às 21h30, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do^(a) graduando^(a), tendo chegado aos seguintes resultados: PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES (Aprovado), PROF. ME. MARCELO MATTA DE CASTRO (aprovado), PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JUNIOR (Aprovado). Em vistas deste resultado, o^(a) graduando^(a) PATRÍCIA MUNIZ PEREIRA foi considerado^(a) Aprovada, fazendo jus ao título de BACHAREL em Psicologia, podendo assim gozar da profissão de Psicólogo, pelo Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Sendo verdade eu, Lúcia Helena dos Santos França, Secretária do Departamento de Graduação em Psicologia, confirmo e lavra a presente ata, que assino juntamente com o Coordenador do Curso e os Membros da Banca Examinadora.

Patos de Minas, 27 de Novembro de 2015.

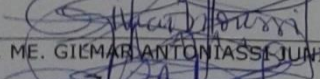
Novo título (sugerido pela banca): _____



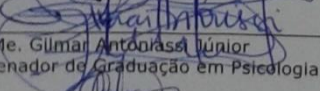
PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES



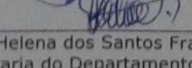
PROF. ME. MARCELO MATTA DE CASTRO



PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JUNIOR



Prof. Me. Gilmar Antonias Junior
Coordenador de Graduação em Psicologia



Lúcia Helena dos Santos França
Secretaria do Departamento de Graduação em Psicologia

DEDICO esse trabalho a todos os estudantes e profissionais da área.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pela vitória alcançada.

Aos meus pais pelo apoio e oportunidade que me deram para a minha formação em um curso superior.

Ao meu namorado Rafael Alves pela compreensão, paciência, companheirismo e presença nos momentos em que mais precisei.

À minha amiga Luciene de Abreu pelas orações e apoio nos momentos mais difíceis.

Às amigadas verdadeiras que construí durante minha vida acadêmica. A todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial à minha orientadora Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes, pelas orientações e dedicação durante a realização deste trabalho.

À Psicóloga Cristiane Peres Salah por me proporcionar muitos conhecimentos nos períodos de estágio no CREAS de São Gotardo, momento este que me suscitou o interesse pelo tema.

Agradeço a todos que contribuíram direto ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

Quando olho uma criança ela me inspira dois sentimentos,
ternura pelo que é, e respeito pelo que possa ser.

Jean Piaget

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO EMOCIONAL DA CRIANÇA

THE IMPORTANCE OF FAMILY IN THE EMOTIONAL DEVELOPMENT OF CHILDREN

Patrícia Muniz Pereira¹

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Delza Ferreira Mendes²

Mestre em Educação Magistério Superior. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

A família tem sofrido grandes mudanças ao longo dos séculos, contudo, ainda é considerada o agente fundamental de socialização da criança, tendo um papel importante em seu desenvolvimento emocional, podendo ser propulsora ou inibidora do seu crescimento. O objetivo desse estudo é compreender se as relações familiares podem influenciar nas características emocionais do desenvolvimento da criança. O presente estudo é do tipo qualitativo descritivo de natureza de revisão bibliográfica. Foi possível identificar que as figuras parentais exercem uma grande influência na construção dos vínculos afetivos e que a família tem grande influência no desenvolvimento emocional da criança, pois é no aconchego familiar que a criança realiza as primeiras e mais importantes experiências de sua vida. Pode-se evidenciar que nos primeiros anos de vida a criança depende completamente da família e que nessa fase as questões afetivas merecem uma atenção maior, porque a criança está começando a se relacionar com o mundo através da mãe ou da pessoa que cuida, e é preciso que este contato seja saudável.

Palavras- chave: Família. Criança. Desenvolvimento emocional.

¹ Orientanda

² Professora Orientadora. Docente do DPGPSI/FPM

ABSTRACT

Despite the fact that the family has undergone major changes throughout the centuries, it is still considered the essential agent of child's socialization, playing an important role in emotional development and it may be driving or inhibiting children's growth. This paper aims at understanding whether family relationships can have an influence on the emotional characteristics of child development. This is a qualitative descriptive study, in nature of literature review. It was possible to observe that the parental figures have great influence on constructing effective bonds and on children's emotional development, because it is in the family warmth that the child performs the first and most important experiences of his life. It can be shown through this study that in the first years of life the child depends completely on the family and at that stage the emotional issues deserve further attention because the kid is beginning his relations with the world through the mother or the person who takes care, and this must be a healthy contact.

Keywords: Family. Child. Emotional development.

INTRODUÇÃO

A família enquanto núcleo elementar da sociedade favorece o crescimento individual e a maturidade emocional do sujeito. Atualmente, estudos apontam que a família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente no desenvolvimento da criança, surgindo como o mais poderoso sistema de socialização para o seu desenvolvimento saudável. As interações estabelecidas na família são as que trazem implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança (OLIVEIRA et al., 2008).

O autor acima referido, destaca que a família pode ser compreendida como um conjunto de relações com características de domínio mútuo, direta, intensa e duradoura por parte de seus membros, ou mesmo, o agente fundamental de socialização da criança. Considera-se que a família tem um domínio no aprendizado das suas habilidades, atitudes e valores convenientes para cada cultura, formando-se uma dimensão básica na vida do sujeito, caracterizando-se como elemento primordial na formação da saúde emocional de seus membros, sendo assim responsável pela proteção e bem-estar dos mesmos (OLIVEIRA et al., 2008).

As formas de família que se apresentam na sociedade, sofreram inúmeras modificações ao longo da história da humanidade, o entendimento atual de família não está mais atrelado necessariamente à concepção de família nuclear, composta de mãe, pai e filhos, seguindo o modelo tradicional patriarcal, hoje, existem famílias recompostas, monoparentais, homoafetivas, entre outras. A noção de família tem se ampliado na medida em que procura incluir e compreender as diferentes relações entre os seus membros (TEIXEIRA; PARENTE; BORIS, 2009).

No início do desenvolvimento a criança é dependente e imatura, necessitando de cuidados e presença do adulto para assegurar sua sobrevivência. O papel dos pais nesse sentido torna-se essencial (MANFROI; MACARINI; VIEIRA, 2011).

A escolha do tema adveio a partir do estágio realizado pela pesquisadora no CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social, que suscitou a necessidade do conhecimento de como a família pode afetar no desenvolvimento emocional da criança, visto que, a mesma encontrou situações onde crianças e adolescentes estão em situação de vulnerabilidade e risco, devido a desestrutura familiar, despertando assim, o interesse em aprofundar o tema.

O objetivo do presente artigo foi compreender se as relações familiares podem influenciar nas características emocionais do desenvolvimento da criança, suscitando à seguinte questão: Como a família pode influenciar o desenvolvimento da criança no aspecto emocional?

Esperava-se descobrir com essa pesquisa se a família influencia no desenvolvimento da criança, podendo ser uma propulsora ou inibidora do seu crescimento emocional.

O presente estudo se traduz na oportunidade de novas reflexões sobre a importância do papel familiar na formação emocional da criança e, proporcionar conhecimento para intervenções futuras nessa área, preencher lacunas e ao mesmo tempo despertar o incentivo para outras pesquisas realizadas pela comunidade acadêmica.

A estrutura da revisão literária consiste em: o trabalho está estruturado em três seções, sendo que a primeira faz um resgate histórico da família; a segunda caracteriza o desenvolvimento emocional da criança; e a terceira diferencia os estilos familiares nas influências do desenvolvimento emocional da criança.

METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo qualitativo descritivo de natureza de revisão bibliográfica. A busca do material deu-se por meio do cruzamento das palavras chaves: família, criança e desenvolvimento emocional, no período compreendido de 2000 a 2015. Tendo como fonte de pesquisa e consulta a base de dados do SCIELO, livros, artigos, teses, dissertações e sites de instituições de ensino superior.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A família é o primeiro ambiente de socialização da criança, atua como principal mediadora dos modelos e influências culturais, sendo considerada a primeira instituição social que busca assegurar o bem estar dos seus membros, incluindo proteção e bem estar da criança. Responsável pela transmissão de valores, crenças, idéias e tem uma forte influência no comportamento dos indivíduos, principalmente das crianças, que descobrem as diferentes formas de existir, de enxergar o mundo e formar as suas relações sociais (DESSEN; POLONIA, 2007).

Os principais vínculos, cuidados e estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento na primeira infância são fornecidos pela família (ANDRADE et al., 2005). Primeira e principal mediadora entre homem e cultura, é a matriz da aprendizagem humana. As experiências familiares permitem a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas como cuidados na primeira infância. É por meio das interações familiares que se concretizam as mudanças na sociedade que influenciarão as relações familiares futuras (DESSEN; POLONIA, 2007).

A família exerce um papel na formação dos indivíduos e na fundamentação de sua personalidade, além de influenciar no comportamento individual por meio de medidas educativas tomadas no ambiente familiar. É

responsável pelo processo de socialização primária da criança e do adolescente. Tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações estabelecidas entre as diferentes gerações, possibilitando a adaptação do sujeito às exigências do convívio em sociedade (PRATTA; SANTOS, 2007).

Os laços afetivos que se formam no núcleo familiar, principalmente entre pais e filhos, podem ser desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de interações positivas que permitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes que o cercam. O apoio dos pais em nível cognitivo, emocional e social, propicia à criança desenvolver repertórios saudáveis para lidar com as situações cotidianas. Esses laços afetivos também podem dificultar o desenvolvimento, causando problemas de ajustamento social (DESSEN; POLONIA, 2007).

É no núcleo familiar que a criança aprende a controlar e resolver os seus conflitos e emoções, expressar os seus sentimentos nas relações interpessoais. Essas habilidades sociais desenvolvidas no âmbito familiar reproduzem em outros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou até mesmo o adulto relacionam aspectos benéficos, ou causam problemas alterando a saúde mental e física do mesmo (DESSEN; POLONIA, 2007).

O PROCESSO HISTÓRICO DA FAMÍLIA

A família sofreu significativas mudanças quanto à sua natureza, função e composição. Deixando de ser um centro econômico de reprodução, para ser um espaço de companheirismo, afeto e amor (TEIXEIRA; PARENTE; BORIS, 2009).

O histórico familiar pode-se distinguir três grandes períodos: a primeira fase se baseia na família tradicional, em que a função era assegurar a transmissão de um patrimônio e com presença de uma autoridade patriarcal. Na segunda fase, a família se torna moderna, o abrigo de uma lógica afetiva que se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX, fundada no amor romântico e o mútuo sentimento dos desejos sexuais por meio do casamento. E na terceira fase, a partir de 1960, a família contemporânea ou pós-moderna, que une dois indivíduos em busca da relação íntima ou realização sexual, sem hierarquia e sem autoridade, onde cada um se sente autônomo (ZANETTI; GOMES, 2009).

Na Idade Média o que predominava dentro das famílias era o poder paterno em detrimento com o materno, formando um sistema familiar com base na teologia cristã e absolutismo político. A família tinha uma realidade moral e social mais do que sentimental, onde as relações baseavam-se em elementos como idade, dote, classe social, preservação do nome e integridade do patrimônio. Desempenhava assim a função de transmissão da vida, dos bens, dos costumes, não tendo preocupação com os laços afetivos e nem com a educação formal das crianças (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

No decorrer dos séculos XVII e XVIII surgiu o sentimento de família com a privatização da vida familiar, aumento da intimidade e da demonstração de afetos. A criança passa a ser valorizada à medida que se torna uma fonte de alegria e relaxamento para o adulto, um sentimento podendo ser chamado de paparicação (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

A partir do século XIX, as transformações ocorridas na família relacionam-se a perda da tradição. Surgiu o amor romântico, um sentimento de perspectiva individual, que vincula amor com liberdade. Fundamentada na reciprocidade de sentimentos, a nova família valoriza a divisão do trabalho entre o casal, e o filho passa a ser visto como sujeito, sendo tanto o pai como a mãe veículos de transmissão psíquica (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

Atualmente, o entendimento de família não está associado essencialmente à criação de um grupo familiar nuclear constituído de mãe, pai e filho, seguindo o modelo convencional patriarcal. O conceito de família e a sua configuração têm evoluído para representar as relações que se instauram na sociedade atual. Os arranjos familiares que vão surgindo causam mudanças nas relações familiares, nos papéis desempenhados por seus membros, em seus valores, expectativas e desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLONIA, 2007). Não existe uma configuração familiar ideal, porque são várias as combinações e interações entre os indivíduos que fazem parte de diferentes tipos de famílias contemporâneas.

A família contemporânea é caracterizada por redefinições de valores, hierarquia e sociabilidade, permitindo diferentes configurações familiares, centrada na valorização da solidariedade, fraternidade, auxílio mútuo, laços de afeto e de amor. Diariamente, é possível deparar com famílias seguindo os modelos convencionais, casais dividindo a organização familiar e os cuidados com os filhos,

mulheres e homens abraçando o sustento financeiro, produções independentes (monoparentalidade), famílias reconstituídas/recasadas, casais sem filhos, homossexuais, com filhos adotivos; entre outros (OLIVEIRA et al., 2008).

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

O desenvolvimento emocional abrange toda capacidade do indivíduo de sentir, compreender e perceber de forma diferenciada as emoções que conforme se desenvolvem se tornam cada vez mais complexas. As emoções são importantes por influenciarem a escolha do que se presta atenção no ambiente afetando aquilo que se percebe, influenciam no processamento de informações e afetam as reações, como quando uma pessoa está com medo, é provável que se torne mais reservada (BERNS, 2002).

A criança é um indivíduo em desenvolvimento, portanto, encontra-se em um processo que envolve mudanças, ajustes e amadurecimento. Essas mudanças incluem um amadurecimento não apenas cognitivo e físico, mas também emocional, no qual a criança constitui sua personalidade e sua forma de ser (SEI, 2004).

Alguns relacionamentos trazem cuidados ao bebê e tem um valor de sobrevivência. Eles são produzidos e mantidos por um conjunto de comportamentos instintivos que criam e mantêm a proximidade entre mãe e criança. Entre eles se destacam: vínculo afetivo, apego e comportamentos de apego. O vínculo afetivo é um laço moderadamente duradouro onde o parceiro é importante como indivíduo único e não pode ser substituído por nenhum outro. Em um vínculo afetivo, existe o desejo de manter a proximidade com o parceiro (BEE, 2003).

Desde a fase inicial do desenvolvimento da criança o apego é manifestado por diferentes tipos de comportamentos na relação com a mãe. Os mais evidentes são: chorar e chamar, balbuciar e sorrir, agarrar-se, a sucção não nutritiva e locomoção, assim como é usada para abordar, seguir e procurar. Normalmente, todas as formas de comportamento são dirigidas para a figura especial do apego (SILVEIRA; FERREIRA, 2005).

O apego é uma variação do vínculo afetivo em que o senso de segurança da pessoa está ligado ao relacionamento. Quando alguém está apegado, sente

segurança e conforto na presença do outro e pode usá-lo como um apoio seguro no qual é capaz de explorar o resto do mundo. (BEE, 2003).

O comportamento de apego é apresentado pela maior parte das crianças de modo vigoroso e constante até o terceiro ano. No entanto, quando a criança não tem uma relação estável com a mãe, essa ausência produz uma sequência típica de respostas: protesto, desespero e desapego. Estas respostas à separação da mãe são a base das reações de medo e ansiedade no homem (SILVEIRA; FERREIRA, 2005).

Ao nascer a criança apresenta motivações sensório-perceptivas que auxiliam na constituição do vínculo com seus cuidadores. É provida de qualidades e capacidades inatas que permitem um convívio dinâmico entre ela e o seu contexto, com o objetivo de desenvolver o vínculo entre todos que o cercam, proporcionando o compromisso dos adultos nos cuidados essenciais para a sua sobrevivência (MANFROI; MACARINI; VIEIRA, 2011).

O primeiro ano de vida de uma criança, em sua maioria, é dedicado à formação de instrumentos fundamentais à sobrevivência do bebê. Ao longo desse período, ela irá se desenvolver em um ambiente constituído por apenas dois componentes: ela mesma e sua mãe. O resultado é uma relação complementar, que irá permitir à criança as capacidades para que se torne independente no meio em que vive (FAQUINELLO; COLLET, 2003).

Durante o 3º ou 4º mês, os bebês demonstram muitas reações que sugerem estados emocionais. Uma delas consiste em parada da atividade motora e desaceleração dos batimentos cardíacos como resposta a um acontecimento inesperado. Um segundo conjunto de mudanças é identificado pelo aumento da movimentação, fechar os olhos, aumento dos batimentos cardíacos e choro. Essas mudanças ocorrem como resposta à dor, frio e fome (MUSSEN et al., 2001).

As emoções servem como formas de comunicação, através delas os sentimentos, desejos e necessidades são compartilhados com os outros. É o meio dos bebês criarem vínculos com os pais. Recém-nascidos que não formaram vínculos emocionais podem vir a manifestar problemas sociais e de personalidade na infância e na vida adulta (BERNS, 2002).

Os bebês com menos de um ano, têm uma consciência restrita de seus sentimentos e um aglomerado de pensamentos reduzidos por acontecimentos externos e alterações orgânicas. Para eles a emoção teria outro significado, seria

relativo às mudanças no cérebro e organismo, principalmente no sistema nervoso, autônomo e límbico em resultado de dor, privação, perigo, desafio, brincadeiras, interações sociais ou da separação de uma pessoa da família (MUSSEN et al., 2001).

Os vínculos emocionais são tidos como o ponto decisivo do desenvolvimento de personalidade e sociabilidade normais. Vínculos emocionais resultam em um comportamento de adaptação, evoluído para procurar proximidade com a mãe. Algumas reações dos bebês como chorar, sorrir, agarrar-se, sugar e seguir tem como efeito a evocação de proteção e cuidados dos pais. Essas reações são importantes para a sobrevivência da espécie, pois asseguram o contato entre mãe/pai e filho. Os pais, sobretudo a mãe, são programados a atender aos estímulos evocadores do bebê. Como efeito da interação entre o comportamento de origem genética do bebê e da mãe, desenvolve-se o vínculo entre os dois (BERNS, 2002).

No período dos 12 meses, quando a criança já pode se locomover sozinha, significativamente aumenta o número de relações com o mundo. O início da fala e a capacidade de andar cria mais possibilidades para a criança explorar o ambiente, os objetos e interagir com outras crianças e adultos. Ela começa perceber como são as interações sociais, no entanto, não deixa de lado a relação afetiva mais importante que foi estabelecida com a pessoa que oferece os cuidados maternos. A criança interage mais e explora o mundo, se sentindo segura na presença de alguém que confie. É preciso trabalhá-la no processo de separação para que se sinta preparada em se ligar afetivamente a outras pessoas (TEODORO, 2013).

A criança aos dois anos demonstra dificuldade em partilhar, geralmente brinca sozinha. Aos dois anos e meio já brinca com outras, às vezes pode acontecer um entusiasmo e morder o seu melhor amigo, comportamento revelado no início da socialização, mesmo gostando da companhia de outras crianças têm dificuldades em se relacionar com elas (DIAS; CORREIA; MARCELINO, 2013).

A criança de 3 a 4 anos já se sente mais segura a ter independência nas relações interpessoais. Agora, ela se encontra capaz de agir por si mesma, revelando uma pequena dose de autonomia. Envolve-se menos com os adultos e passa interagir melhor com os companheiros da sua idade. Com essa mudança surgem a competição, rivalidade e a agressividade expressa de várias formas, tais como: no choro, mordida e agitação corporal. Nesse momento a atenção, o

reconhecimento e a aprovação são substituídos pela necessidade de contato físico nas relações afetivas (TEODORO, 2013).

A partir dos 7 ou 8 anos as crianças se tornam capazes de verbalizar emoções conflitantes. À medida que o tempo passa, as crianças têm consciência de seus próprios sentimentos e dos sentimentos das outras pessoas. Sabem controlar melhor sua expressão emocional em situações sociais e responder à perturbação emocional dos outros. Um aspecto do crescimento emocional é o controle de emoções negativas. Aprende a diferença entre ter uma emoção e expressá-la (PAPALIA et al., 2006).

Nesse contexto a família exerce um papel fundamental pois, no desempenho de suas funções dentre as quais a socialização e o desenvolvimento emocional da criança devem estabelecer uma estrutura mínima de atividades e relações que possibilitem a formação de vínculos afetivos, que promovam o bem estar psicológico de cada membro da família e em especial o da criança (DESSEN; POLONIA, 2007).

DISCUSSÃO

O convívio no lar exerce uma grande influência para o crescimento emocional da criança devido à importância das primeiras experiências. Se elas forem saudáveis a criança terá segurança, fará uma avaliação realista do seu valor, forças e limitações. Aceitar-se-á como é ficando livre de angústia e empregando construtivamente suas energias a fim de solucionar problemas (FONSECA, 1999).

São inúmeros fatores que afetam o desenvolvimento da criança, tais como: renda familiar, o grau de instrução dos pais e profissão, qualidade das interações, relações com as pessoas próximas. As práticas psicossociais em todo esse contexto associam-se na promoção de um desenvolvimento adequado e saudável da criança (SILVA; DESSEN, 2001).

Desde a década de 1930 os estudiosos tem se preocupado em verificar quais são as consequências que a educação oferecida pelos pais pode provocar nas crianças por apresentarem diferentes estilos parentais. O modelo teórico de

Baumrind sobre os tipos de controle ou estilos parentais foi um marco nos estudos sobre a educação entre pais e filhos, integrando os aspectos emocionais e comportamentais. Os estilos parentais constituem o conjunto de atitudes dos pais que criam um clima emocional que se expressam os comportamentos dos pais e se caracterizam por ser a manifestação dos pais em relação aos filhos que vão determinar a natureza da interação entre esses (REPPOLD et al., 2002).

Pais autoritários manifestam alto nível de controle e exigências de amadurecimento, porém um baixo nível de comunicação e afeto evidente. Nesses casos os filhos são obedientes, agressivos, porém tímidos e com pouca persistência no momento de alcançar metas, apresentam baixa autoestima e dependência, não se sentem seguros, nem capazes para realizar atividades por si mesmo, se irritam facilmente e são vulneráveis às tensões, devido à falta de comunicação dos pais. Porém os pais permissivos têm pouco controle e exigências de amadurecimento, mas, muita comunicação e afeto, consultam os filhos quando vão tomar decisões que envolvam a família, porém não exigem dos filhos ordem e responsabilidade, estes tendem a ter problemas em relação a controle de impulsos, dificuldade em assumir responsabilidade, são imaturos, têm baixa auto-estima, contudo são mais alegres e vivos que os filhos de pais autoritários (FONSECA, 1999).

O autor destaca ainda que os pais democráticos apresentam alto nível de comunicação e afeto, assim como de controle e exigência de amadurecimento, são mais afetuosos, reforçam frequentemente o comportamento da criança e tentam evitar castigo; correspondem às solicitações de atenção da criança, esta costuma ter níveis altos de autocontrole e auto-estima, uma maior capacidade para enfrentar novas situações e persistência nas tarefas que iniciam, na maioria das vezes são interativos, independentes e carinhosos.

Os papéis materno e paterno, que são importantes para um bom desenvolvimento psicossocial da criança, não estão mais propriamente associados à figura da mulher ou do homem, nem se quer nos casais heterossexuais atuais. Executa melhor a função materna e a paterna o progenitor que mais se identifica com as tarefas associadas a esses papéis, seja homem ou mulher. Inúmeras pesquisas americanas apontam que crianças pertencentes a famílias homoafetivas desenvolvem mecanismos para lidarem com a realidade de terem dois pais ou duas mães e que têm um bom ajustamento à situação (FRANÇA, 2009).

O fundamental para um bom desenvolvimento é a capacidade dos pais, sejam heterossexuais ou homossexuais, de proporcionar à criança um ambiente afetivo e estável (FRANÇA, 2009).

Segundo Fonseca (1999), o mais comum dos desajustamentos emocionais nos filhos é causado pelos atritos entre os pais. Muitas vezes essas tensões paternas envolvem dificuldades sexuais, saúde frágil, conflitos entre amigos ou parentes, falta de consideração, qualquer um desses motivos pode impedir o estabelecimento de relações descontraídas e felizes entre pais e filhos. Na falta de tais relações, torna-se difícil para a criança aprender reações emocionalmente maduras e adaptadas.

Uma base familiar segura do seu papel, com relações afetivas estáveis e duradouras, permitirá que a criança cresça em um ambiente propício para que seu desenvolvimento ocorra plenamente e essa criança seja capaz de resolver conflitos na vida adulta e lidar de forma confiante e estável com as situações cotidianas. Sem as relações afetivas e a família, o indivíduo construirá relações superficiais e viverá em sociedade sem perspectiva de crescimento, de vida (FABRINO, 2012).

Diante do exposto, percebe-se que o convívio no lar e forma com que essa criança vive sua experiência no ambiente familiar, exerce grande influência para o crescimento emocional da criança pela importância das primeiras experiências. Se essas primeiras experiências forem saudáveis, ela terá segurança, fará uma avaliação realista do seu valor, de suas forças e de suas limitações. Aceitar-se-á como é ficando livre de angústia e empregando construtivamente suas energias a fim de solucionar problemas.

A família exerce influência sobre o desenvolvimento emocional da criança, os primeiros contatos dela nos primeiros anos de vida, são exclusivos com a família. Os laços afetivos que se formam dentro da família principalmente entre pais e filhos, podem ser desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de interações positivas que permitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes que o cerca.

Segundo Bee (2003) e Berns (2002) nos primeiros anos de vida da criança as emoções são importantes, porque através delas a criança compartilha seus desejos e necessidades com os outros. Ela cria um vínculo afetivo com o seu cuidador e se esse vínculo não se formar, a mesma pode vir a manifestar problemas sociais e de personalidade na infância e na vida adulta.

Desde o início do desenvolvimento da criança ela manifesta o apego em diferentes tipos de comportamentos na relação com a mãe. Aproximadamente até o terceiro ano de idade, o comportamento de apego é apresentado pela maior parte das crianças de modo vigoroso (SILVEIRA; FERREIRA, 2005).

A família tem um papel importante no crescimento emocional da criança. Uma base familiar segura do seu papel, irá permitir que a criança cresça em um ambiente propício para que seu desenvolvimento ocorra de forma plena, e que essa criança seja capaz de resolver conflitos na vida adulta e lidar de forma confiante e estável com as situações cotidianas (FABRINO, 2012).

O desenvolvimento saudável da criança não está ligado ao tipo de constituição familiar, e sim a estrutura familiar, a capacidade dos pais de proporcionar à criança um ambiente afetivo e estável.

Pode-se evidenciar que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional da criança, podendo ser uma propulsora ou inibidora do seu crescimento, deve assegurar uma estrutura mínima de atividades e relações que possibilitem a formação de vínculos afetivos que favoreça o bem estar psicológico da criança.

CONCLUSÃO

A família, sobretudo a figura materna, é o primeiro contato que a criança tem com o mundo. Através desse contato, vão sendo construídas relações com as pessoas que estão a sua volta, bem como o conhecimento de tudo que permeia o mundo e a personalidade do indivíduo.

A família tem grande importância para o desenvolvimento emocional da criança, é com ela que a criança vivencia as primeiras e mais importantes experiências da sua vida.

Não é o tipo de família que a criança convive que irá fazer diferença em seu desenvolvimento, e sim, a estrutura familiar, um ambiente propício permitirá que a criança seja capaz de resolver conflitos na vida adulta e lidar de forma confiante com as situações cotidianas.

A hipótese do presente estudo foi confirmada, uma vez que evidenciou que a família influencia no desenvolvimento emocional da criança, sendo uma propulsora ou inibidora do seu desenvolvimento.

Pode-se concluir que a família é considerada o sistema que mais influencia no desenvolvimento emocional da criança, que o ambiente familiar precisa satisfazer as necessidades básicas de afeto, apego, segurança e disciplina, portanto, é nele que se estrutura a mais importante forma de aprendizagem, de vínculos, ou seja, a capacidade de aprender a se relacionar.

Diante dos motivos que levaram a essa pesquisa sugiro que seja feita uma pesquisa de campo no CREAS para aprofundamento do tema em questão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Susanne Anjos et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, p.606-611, ago. 2005.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.350.

BERNS, Roberta M. **O Desenvolvimento da Criança**. São Paulo: Loyola, 2002. p.470;471;479.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Família e Escola**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p.21-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

DIAS, Isabel Simões; CORREIA, Sónia; MARCELINO, Patrícia. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, Portugal, v. 7, n. 3, p.9-24, 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/483>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FABRINO, Verônica Noel. **Afetividade e base familiar: norteadores da formação da personalidade**. 2012. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Norte Capixaba de São Mateus, São Mateus, 2012. Disponível em: <http://saomateus.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/05/Afetividade-e-base-familiar_norteadores-da-formacao-da-personalidade.pdf>. Acesso em: 07 out. 2015.

FAQUINELLO, Paula; COLLET, Neusa. Vínculo Afetivo Mãe/Filho na unidade de Alojamento do Conjunto Pediátrico. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 294-304, dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/4462/2400>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

FONSECA, Neumar Gianotti. **A influência da família na aprendizagem da criança**. 1999. 34 f. Monografia (Especialização) - Curso de Linguagem, Cefac, São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. Famílias Homoafetivas. **Bras Psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.21-33, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932009000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do Nufen**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.3-24 ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 jul. 2015.

MANFROI, Edi Cristina; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luis. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **BrasCrescimento Desenvolvimento Hum**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 59-69, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v21n1/07.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MUSSEN, Paul Henry et al. **O desenvolvimento da criança**. São Paulo: Harbra, 2001. p.121-123.

OLIVEIRA, D. et al. Impacto das Configurações Familiares no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: uma revisão da produção científica. **Interação em Psicologia**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 1, p.87-98, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/9172/9213>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

PAPALIA, Diane E. et al. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 403.

PRATTA, E. M. M. SANTOS, M. Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p.247-256, mai. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

REPPOLD, C. T. et al. **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 23.

SEI, Maíra Bonafé. **Desenvolvimento Emocional e os Maus-Tratos Infantis: Uma Perspectiva Winnicottiana**. 2004. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-29062005-154905/pt-br.php>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência Mental e Família: Implicações para o Desenvolvimento da Criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 2, p.133-141, mai. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722001000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SILVEIRA, Juline Aldanê; FERREIRA, Maria Odete Amaral. **A formação do Apego e Suas Implicações na Construção de Vínculos Futuros**. 2005. 51 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.institutofamiliare.com.br/download_anexo/juline-aldane-silveira-e-maria-odete-amaral-ferreira.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

TEIXEIRA, L. C. PARENTE, F. S. BORIS, G. D. B. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.24-31, jan. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2848/413>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

TEODORO, Wagner Luiz Garcia. **O desenvolvimento infantil de 0 a 6 e a vida pré-escolar**. Uberlândia, 2013. p.115 (no prelo).

ZANETTI, S. A. S. GOMES, I. C. A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. **Psico**, São Paulo, v. 40, n. 2, p.194-201, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3726/453>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autora Orientanda:

Nome Completo: Patrícia Muniz Pereira

Endereço: Rua Rio Indaiá Nº: 65

Bairro: Jardim Sol Nascente/ São Gotardo – MG

Telefone de Contato: (34) 9989-4856 (34) 36710239

Email: pattymunizsg@hotmail.com

Autora Orientadora:

Nome Completo: Delza Ferreira Mendes

Endereço: Rua Dr. Rubens de Castro, nº267

Bairro: Centro/ Coromandel – MG

Telefone de Contato: (34) 9984-1009

Email: delzafm@yahoo.com.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 27 de novembro de 2015.

Patrícia Muniz Pereira

Delza Ferreira Mendes